DOI: 10.5418/RA2016.1217.0012

JOÃO JOSÉ BIGARELLA NA UFSC
HOMENAGEM DA REVISTA DA ANPEGE.

POR LUIZ FERNANDO SCHEIBE[1]

Para o belissimo livro que chamou de "Nas trilhas de um Geólogo", João José Bigarella (2003) selecionou de uma coleção de mais de 40.000 diapositivos, obtidos em 59 anos de carreira científica, 190 imagens que considerou significativas de suas andanças (até então, com 80 anos) pelo mundo todo em pesquisas geológicas e como convidado para inúmeras expedições e conferências científicas.

Surpreendentemente, 140 das fotos escolhidas (praticamente, tres quartos!) contemplam não apenas feições geológicas, mas principalmente as características da vegetação, flores e aspectos humanos e culturais das áreas visitadas na África do Sul, Namíbia, Angola, Argélia (Saara), América Latina (Andes), Asia, ilhas do Oceano Pacífico, Austrália, Estados Unidos e no litoral, montanhas e planaltos, Amazônia e nordeste do Brasil.

As fotos estão apresentadas com legendas, comentários e poesias, como a que se refere ao Saara (BIGARELLA 2003, p. 24):

Dunas altíssimas a perder de vista.
Dunas e mais dunas esvoaçantes,
oscilantes ao sabor dos ventos persistentes,
caprichosas, altaneiras e flexíveis.
Dunas em calmaria,
areias soltas de brancura sem fim.
Dunas em vendavais,
impulsivas e altivas,
de areias tapetes flutuantes.
...

Esse livro revela, então, não apenas o eminente geocientista, mas também o geógrafo e humanista atento e preocupado com todos os detalhes da natureza e da vida, que se notabilizaria como um dos maiores defensores da preservação ambiental no estado do Paraná.

[1] Professor Titular Emérito do Departamento de Geociências, voluntário junto aos Programas de Pós- Graduação em Geografia e Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador 2 do CNPq. Coordenador do Projeto Rede Guarani/Serra Geral em Santa Catarina.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Nascido em Curitiba em 23/09/1923, João José Bigarella graduou-se em Ciências Químicas em 1943 e passou a trabalhar no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do PR, ingressando na Universidade Federal do Paraná em 1949 e obtendo pela mesma universidade o Doutorado em Ciências Físicas e Químicas em 1956, com a tese "Rochas Calcárias do Paraná".

Naquele periodo inicial, trabalhou com o geólogo alemão Reinhard Maack, autor de um dos primeiros mapas geológicos dos estados do Paraná e Santa Catarina e, já em 1952, obteve uma bolsa da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, nos Estados Unidos, quando teve a oportunidade de trabalhar em estratigrafia junto ao Prof. Mckee, na Universidade do Arizona, e na ScrippsInstitutionofOceanography, naCalifornia. Fez também um estágio com geólogos do USGS, quando, segundo uma entrevista à TV da UFPR em 2007[2], acompanhou a medição de estratos cruzados para determinação da direção de correntes e deu-se conta da possibilidade de aplicar estas técnicas no estudo das rochas sedimentares da Bacia do Paraná, inclusive, a Formação Botucatu.

Em sua volta para o Brasil adaptou uma bússola a um tripé móvel para facilitar essas medições (o "Bigarelômetro") e, em parceria com o geólogo Riad Salamuni, passou a realizar inúmeras determinações em rochas e sedimentos no Brasil, África (Namíbia, Angola, Argélia - Saara), Argentina e Uruguai que lhe permitiram realizar uma revisão global dos depósitos eólicos e a partir deles determinar aspectos paleogeográficos do continente de Gondwana que serviram à comprovação da teoria da deriva continental, ainda não admitida, até então, pela ciência geológica tradicional.

Alguns dos resultados então obtidos, publicados em revistas de renome internacional, tornaram Bigarella conhecido e requisitado pelos grandes centros internacionais de pesquisa, para os quais foi chamado para inúmeras conferências e expedições de pesquisa geológica. No Brasil, seu trabalho foi reconhecido pela Sociedade Brasileira de Geologia, que lhe concedeu em 1966 a Medalha de Ouro José Bonifácio de Andrade e Silva, e por diversas outras sociedades científicas; recebeu em 1993 o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para a Ciência e Tecnologia, do CNPq, em 1992, e tornou-se Comendador (em 1995) e depois, Grã Cruz (em 2000) da Ordem Nacional do Mérito Científico. No ano de 2008, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Santa Catarina, por indicação do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC.[3]

[2] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6fpgkEUSx5I.

[3] São também doutores Honoris Causa da UFSC os geógrafos Milton Santos, Aziz Ab'Saber e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, além de Herbert José de Souza (o Betinho) e Fidel Castro Ruiz, entre outros agraciados.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

No SymposiumonGondwanaStratigraphyandPaleontology (1967), em Mar Del Plata, Argentina, foico-editor do livro "Problems in BrazilianGondwanaGeology", uma síntese do conhecimento geológico produzido por especialistas brasileiros sobre o antigo supercontinente de Gondwana, e organizou o International Symposium on the Quaternary, em 1975.

Esse simpósio, do qual tive a honra de participar, contou com a presença de geógrafos e geomorfólogos de 23 paises e seria hoje, talvez, apelidado de "Caravana Bigarella". Foi organizado bem a seu estilo, inteiramente no campo: uma viagem de estudos iniciada numa Curitiba branca pela neve que caíra naquela gelada manhã de julho de 1975, e encerrada 15 dias depois na cidade de Rio Grande, RS. Visitas, discussões e estudos de campo na Serra do Mar, nos cordões litorâneos de Tijucas, nos terraços fluviais do rio Itajaí Mirim e nas camadas Canhanduva, nas dunas da Lagoa da Conceição e, como ponto de maior interesse e discussão, nas cicatrizes e depósitos deixados pelo episódio climático de março de 1974 na bacia do rio Tubarão, que resultou no maior desastre "natural" de que temos notícia em Santa Catarina, a enchente de Tubarão, com um saldo oficial de 199 mortes. Em todo o percurso, Bigarella apresentava suas interpretações e as abria para intensas discussões – só menos acaloradas graças aos litros e litros de suco de maracujá que nos servia com o sanduíche década meio dia – ampliando o espectro de possibilidades teóricas de explicação para fenômenos tão relevantes, desconhecidos para muitos dos eminentes participantes do Simpósio.

Com a criação do Departamento de Geologia na UFPR, foi o primeiro chefe do departamento, entre os anos de 1975 e 1976. Além de professor, ele colaborou na implantação de diversos cursos de Pós-Graduação em universidades espalhadas pelo Brasil, com especial atenção e carinho para os cursos, primeiro de especialização, e a partir de 1985, de mestrado, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Tive as primeiras referências do trabalho do Geólogo João José Bigarella nos albores da década de 60, a partir do testemunho de colegas da Escola de Geologia de Porto Alegre, e passei em 1965, junto com o companheiro Victor Hugo Teixeira e seu ex-monitor na disciplina de mineralogia na UFPR, José Leopoldo Soares, a usar seus artigos sobre os concheiros do litoral e os calcários do Grupo Açungui do Paraná como principal subsídio para os estudos dos calcários em Santa Catarina, no então Laboratório de Química Agrícola e Industrial, e depois Laboratório de Análises de Solos e Minerais da Secretária da Agricultura. Vim a conhece-lo pessoalmente no primeiro ano de minha entrada na UFSC, em 1966, quando me senti muito honrado em participar, por indicação de sua estagiária, hoje Profa. Dra. Gerusa Maria Duarte, de trabalhos de campo que realizava, costumeiramente, em nossa Ilha de Santa Catarina.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Fui seu aluno nas disciplinas que ministrava em nossos cursos de Especialização, especialmente na área da Geomorfologia Climática, tanto na bacia do Itajaí Mirim como, principalmente, no seu laboratório preferido, as dunas da Lagoa da Conceição na Ilha de Santa Catarina[4], onde passou para sucessivas turmas de alunos

> ... não apenas parte de seus conhecimentos, mas principalmente os aspectos essenciais de uma elaborada, criteriosa, minuciosa e eficientíssima metodologia de trabalho de campo, que lhe permitia acrescentar sempre mais dados para a compreensão dos fenômenos e feições estudados, como também sair do campo já com todas as anotações e especialmente, croquis e figuras necessários para seu registro e divulgação. (SCHEIBE, 1994, P.5).

Através do CNPq, foi possível contar com o Prof. Bigarella como professor e pesquisador visitante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, nos períodos de agosto de 1986 a setembro de 1993, e de agosto de 1995 a julho de 1997. Nestes períodos, orientou algumas das primeiras dissertações de mestrado de nosso Programa - entre elas, as das Profas. Magaly Mendonça e Maria Lúcia de Paula Herrmann - e escreveu, com o auxílio de diversos de nossos professores e alunos, uma grande parte dos três alentados volumes do seu livro "Estrutura e Origem das Paisagens Tropicais e Sub-Tropicais", publicado pela Editora da UFSC, esgotado e já em sua 2ª. Edição. É nesta obra monumental que Bigarella oferece, mais uma vez e de modo sistematizado, aos estudiosos da ciência a possibilidade de mergulhar com profundidade no fascinante descortínio com que aplica os resultados de um minucioso estudo de campo à resolução dos problemas de interpretação geológica e geomorfológica dos fenômenos naturais. São três os volumes até aqui publicados:

- **Vol. I - Fundamentos geológico-geográficos, alteração química e física das rochas e relevo cárstico e dômico;**
- **Vol. II - Intemperismo biológico, pedogênese, laterização, bauxitização e concentração de bens minerais;**
- **Vol. III - Processos erosivos, vertentes, movimentos de massa, atividade endógena, superfícies de erosão, compartimentação do relevo, depósitos correlativos e ambientes fluviais.**

Um quarto volume, referente ao Ambiente Praial, está escrito e encontrava-se, até o ano passado, em fase de edição final.

Toda sua atividade de pesquisa e ensino no campo foi sempre temperada por uma forte consciência da sua importância na formação de jovens cientistas que, como ele, possam encontrar nas evidências e nos processos naturais atuais, não só explicações para

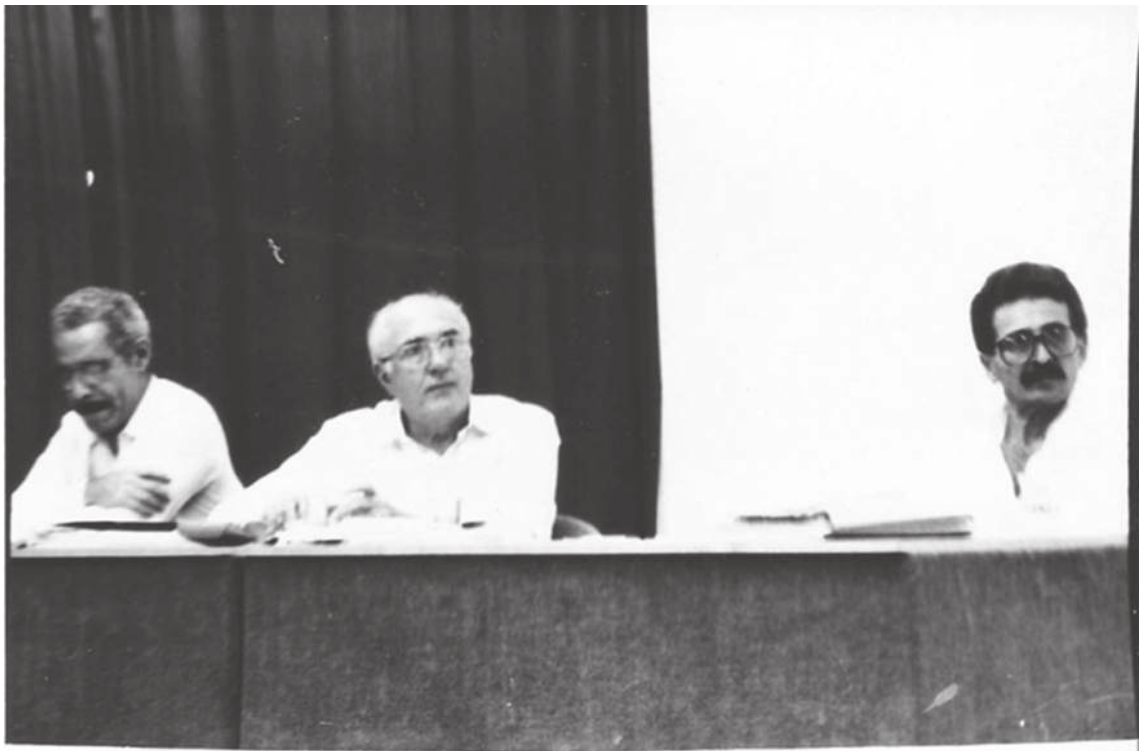
[4] Bigarella contava sempre que, quando casou com a jovem Íris KoehlerBigarella (com quem teve três filhos, cinco netos e dois bisnetos), sua sempre companheira e, muitas vezes, assistente em seus trabalhos, escolheram a então deserta praia de Canasvieiras para passar sua Lua de Mel. Daí também, certamente, seu sempre renovado carinho especial pela Ilha de Santa Catarina.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

os fenômenos do passado, como indicações seguras de como agir para evitar ou pelo menos minimizar as conseqüências de desastres no futuro.

A aplicação concreta desses pressupostos, bem como uma genuína preocupação com a qualidade da vida, fez também com que liderasse, de modo pioneiro e afrontando muitas vezes os poderes instituídos pela Ditadura Militar, a ADEA – Associação de Defesa e Educação Ambiental - , uma ONG criada em 1974, quando esse tipo de associação não tinha sequer um nome específico, e por ele presidida até o ano de 1994. A ADEA foi responsável pela divulgação da importância da preservação das áreas da Serra do Mar no litoral do Paraná e de Santa Catarina, com a criação de unidades de conservação e de uma consciência do necessário respeito à natureza.

João José Bigarella faleceu no dia 05 de maio de 2016, em Curitiba, aos 92 anos. Algumas fotos, abaixo, mostram momentos importantes da sua integração às atividades do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC:



Profs. João José Bigarella, Paulo Fernando de Araujo Lago e Odair Gercino da Silva (Orientador), na banca de defesa de dissertação do primeiro mestre em Geografia da UFSC, Ricardo Wagner ad-Víncula Veado (1989).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X



Profs. João José Bigarella (Orientador), Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e Roberto Miguel Klein na banca de defesa de dissertação de Maria Lucia de Paula Herrmann em Geografia da UFSC (13/09/1989).



Prof. João José Bigarella proferindo conferência sobre a Deriva Continental, na Abertura da XXXV Semana de Geografia da UFSC (06/10/2014).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X



Prof. João José Bigarella, cercado por colegas aposentados Armen Mamigonian, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, Luiz Fernando Scheibe; professores José Messias Bastos, Janete Josina Abreu, Ewerton Vieira Machado, Maria Lucia de Paula Herrmann, seus ex-alunos; e alunos atuais do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC, na comemoração dos 30 anos do Programa. (25/03/2015).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

REFERÊNCIAS

1. BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D. ; PASSOS, E. . Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. Volume 1 - Fundamentos geologico-geograficos.. 01. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. v. 01. 425p .
2. BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D. ; PASSOS, E. . Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. Vol. 2. 01. ed. Florianopolis: Editora da UFSC, 1996. v. 02. 448p .
3. BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D. ; PASSOS, E. . Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. Vol 3. 01. ed. Florianopolis: Editora da UFSC, 2003. v. 03. 561p .
4. BIGARELLA, J. J.. Nas trilhas de um geólogo. 01. ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003. v. 01. 222p .
5. SCHEIBE, L. F. Prefácio. In: BIGARELLA, J. J.; BECKER, R. D. ; PASSOS, E. . Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. Volume 1 - Fundamentos geologico-geograficos.. 01. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. v. 01, p.5.
6. UFPR TV. Programa Personna, exibido em 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6fpgkEUSx5I.

Artigo recebido em 11 de junho de 2016.